

RICARDO NEVES-NEVES

(Quarteira, 21/05/1985)

Dramaturgo, encenador, actor e director artístico da companhia Teatro do Eléctrico, Ricardo Neves-Neves destaca-se pela versatilidade do seu talento e pela originalidade da sua criação.

Licenciado em Teatro (ramo Actores) pela Escola Superior de Teatro e Cinema, pós-graduado em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2012 participou num workshop internacional organizado pela Sala Beckett-Obrador d'Estiu, de Barcelona, orientado por Simon Stephens.

Trabalhou como actor e assistente de encenação nos Primeiros Sintomas durante cerca de 10 anos, tendo também colaborado com outras estruturas – Artistas Unidos, Teatrosfera, Teatro dos Aloés, Comédias do Minho, Cassefaz, O Bando, Procur.Arte e Casa Conveniente, entre outras –, na qualidade de actor, encenador e dramaturgo.

Em 2005, escreve a sua primeira peça, *O regresso de Natasha*, estreada em Leiria dois anos depois (Te-Ato, na Sala Jaime Salazar Sampaio, 2007).

Em 2008, com Rita Cruz, Bruno Huca, Ana Lázaro, Patrícia Andrade e Sílvia Figueiredo, colegas da ESTC, a que se juntariam Vítor Oliveira e o músico Sérgio Delgado, funda a companhia Teatro do Eléctrico, «com o objetivo de desenvolver novas dramaturgias, privilegiando o teatro da palavra» (Simões 2016: 83).

No entanto, o arranque informal desta estrutura surge em 2006, quando Jaime Salazar Sampaio o convida para uma sessão do ciclo «O Dramaturgo e a Prática Teatral», por ele animado na Sociedade Portuguesa de Autores ao longo de vários anos. Neste âmbito estreia o espectáculo *Delírio non-desvario* (2007).

Muito embora a dramaturgia de autoria de Ricardo Neves-Neves seja preponderante no repertório apresentado pelo Teatro do Eléctrico, esta estrutura está aberta a textos de outros autores, tendo apresentado os espectáculos *A festa* (2011), de Spiro Scimone; *Menos emergências* (2014), de Martin Crimp; *Sebastião e Sebastiana* (2015), a partir de *Le devin du village* de Jean-Jacques Rousseau e de *Bastien und Bastienne*, de Mozart; *A noite de Dona Luciana* (2016), de Copi, *Encontrar o S sol* (2017), de Edward Albee, e *Karl Valentin Kabarett* (2017), com base em textos seleccionados de Karl Valentin.

A nova apresentação de *O regresso de Natasha*, em 2008, no cartaz da companhia, assinala a apresentação oficial do Teatro do Eléctrico logo evidenciando a presença marcante do cómico e do absurdo na escrita do jovem dramaturgo.

Na dramaturgia de Ricardo Neves-Neves existe um tom «farsante, brincalhão, caricatural» (Santos 2015), elementos cómicos e absurdos, mas também trágicos: «o humor vai de par com a iminência de tragédia (acutilante a narração das acções fora de cena, como na tragédia, só que aqui, espreita-se para saber), e que num crescendo de associação de ideias, referências, palavras, desagua inevitavelmente no sentimento de absurdo da vida e dos homens» (Simões 2015).

Para além de um sentimento trágico, presente mas de maneira esbatida, observar-se-á um veio de melancolia que «parece estar sempre em estado latente nos textos de Ricardo Neves-Neves, deixando que a comédia ou o absurdo imperem dois terços do tempo, escorregando depois lentamente até tomar conta da cena» (Frota 2015a: 22). Esta característica, perceptível nas peças, é potenciada quando a figura do encenador coincide com a do autor, como ficou claro nos espectáculos *Entraria nesta sala* (2015), texto que parte do cinema português dos anos 30 e 40, e *A batalha de não sei quê* (2015), onde a «entrada em cena da melancolia» surgiria como «um tom menor que sucede à euforia inicial» (Frota 2015b: 17). Entre outras peças, o mesmo poderá dizer-se acerca de *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo* (2012), em que a personagem do famoso filme de Robert Stevenson – inspirado nos livros de P.L. Travers – encontra-se catapultada para a realidade da classe média portuguesa.

Outra característica a destacar na escrita de Ricardo Neves-Neves é a presença da música, que «surge como tónica dominante, mais do que qualquer conceito de ordem técnica ou estética» (Magalhães 2017: 168). Vejam-se, por exemplo, *A porta fechou-se e a casa era pequena* (2010), que «nasce como um exercício de escrita a partir das músicas que o autor atribui aos diferentes espaços, que foi visitando quando estava à procura de casa» (*ibid.*), e *A batalha de não sei quê* (2015), onde «cinco personagens conspiram numa guerra travada entre vizinhos, passada num quintal» (Simões 2016: 86), surgida através das «sonoridades de Schubert e Michael Nyman que serviram de inspiração à criação de um universo alemão» (Magalhães 2017: 168).

Esta forte presença deve-se à formação musical do autor, bem como à sua sensibilidade em relação à noção e consciência do tempo e do ritmo, revertendo-se e influenciando a sua criação: no aspecto formal, pelo recurso ao verso; nas palavras, pelas repetições recorrentes; na direcção de actores, pela partitura gestual da sua representação. Assim, ao encenar os seus textos, o dramaturgo «enfatz[a] a exploração da acentuação das sílabas tónicas, as suspensões, o ritmo, as inflexões, os *staccatos* e a coralidade» (Simões 2016: 84), gerando ao mesmo tempo «um processo profundamente coreográfico, transversal a todos os espectáculos» (Magalhães 2017: 167-168).

Ricardo Neves-Neves distancia-se de qualquer atitude política, pelo que, como aponta Gonçalo Frota, «o que fica seguramente intocado na sua linguagem teatral é esta recusa de embarcar num teatro que se proponha «apontar o dedo à sociedade e aos seus comportamentos», assinando uma mais explícita ou mais dissimulada crítica social por parte do autor» (Frota 2015b: 17).

Seja como for, é consensual reconhecê-lo entre as personalidades de relevo na dramaturgia contemporânea, dotado de um estilo de escrita e encenação muito próprio, que produz criações peculiares, inspiradas e de grande criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Tiago Bartolomeu (2013). «Retrato de um autor que pensa as palavras como se fossem música» in *Público*, 19 de Novembro, p. 32. [*]

FROTA, Gonçalo (2015a). «Quando o cinema português foi matar Hitler» in *Público – Ípsilon*, 23 de Outubro, p. 22. [*]

FROTA, Gonçalo (2015b). «O direito ao disparate» in *Público – Ípsilon*, 8 de Maio, p. 17. [*]

MAGALHÃES, Paula Gomes (2017) «Companhias de atores: modos, processos e configurações d'As Boas Raparigas... da Palmilha Dentada e do Teatro do Eléctrico» in Rui Pina Coelho (coord.). *Teatro português contemporâneo: Experimentalismo, política e utopia [Título provisório]*. Lisboa: TNDMII / Bicho do Mato, pp. 155-172.

MONTEIRO, Rui (2015). [Crítica – A batalha de não sei quê] in *Time Out – Lisboa*, 27 de Maio. [*]

SANTOS, Nuno Costa (2015). «Leve batalha» in *Sábado*, 28 de Maio. [*]

SIMÕES, Helena (2015). «A batalha da ironia» in *JL - Jornal de Letras*, 28 de Maio. [*]

SIMÕES, Miguel Jorge Leandro (2016). *Que património cénico estão a desenhar dez criadores com menos de 40 anos de idade?*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de mestrado). Consultado em <<https://run.unl.pt/handle/10362/19747>> (data de acesso: 9 de Março de 2018).

[*] Estes artigos foram consultados nas fichas de peças do Autor registados na CETbase. Datas de acesso à sítiografia entre 27/02 e 04/04/2018.

SITIOGRAFIA

Artistas Unidos:

<<http://www.artistasunidos.pt/contactos/789-ricardo-neves-neves>>

CETbase:

<<http://ww3.fl.ul.pt/CETbase/>>

Direcção Geral das Artes:

<<https://www.dgartes.gov.pt/pt/entidade/941>>

Universidade de Coimbra:

<<https://www.uc.pt/org/centrodramaturgia/3/mno/Neves-Ricardo>>

Primeiros Sintomas:

<<http://www.primeiros-sintomas.com/products/ricardo-neves-neves1/>>

Isabel Teles de Menezes

Sebastiana Fadda